
A IDENTIDADE DO NARRADOR EM FRANCISCO DANTAS

IDENTITY OF THE NARRATOR IN FRANCISCO DANTAS

Joseana Souza da Fonsêca (UFS)¹

RESUMO: Este artigo analisa como Francisco Dantas compõe a(s) identidades(s) do narrador de seus textos e qual a relação desta persona como a crítica social eminente nos textos desse escritor. As teorias de Dal Farra (1978) e Chiappini (1997) sobre o narrador e o foco narrativo, bem como as de Foucault (2002) e Bakhtin (2006) a respeito das relações sujeito/poder e de Bauman (2005) sobre o processo de construção identitário sustentam os conceitos do estudo.

Palavras-Chave: Francisco Dantas, identidade, narrador, crítica social.

ABSTRACT: This article discusses how Francisco Dantas composes the identity(ies) of the narrator in his texts and what the relationship of this persona to the eminent social critique in the writings of this writer. Theories by Dal Farra (1978) and Chiappini (1997) about the narrator and narrative focus, as well as Foucault (2002) and Bakhtin (2006) about the relationship subject / power and Bauman (2005) about the process of construction of identities support this study.

Keywords: Francisco Dantas, identity, narrator, social criticism.

A palavra narrador deriva do vocábulo latino “narro” que significar “dar a conhecer”, “tornar conhecido” um fato, uma história. (cf. CEIA, 2008). Dessa forma, considera-se um narrador a instância da narrativa que transmite um conhecimento. No entanto, o narrador, ao longo dos tempos, vem se modificando e, hoje, é uma das personagens mais complexas da trama romanesca contemporânea. Seja, tradicionalmente, pela desconfiança que subjaz por trás da sua voz, muitos a confunde com a voz do autor empírico. Seja mediante os recursos estéticos mais elaborados que o autor biológico,

¹ Mestre em Letras (2010) pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da rede pública de ensino, e-mail: joseanall@hotmail.com

jurídico-social confere ao enunciador textual; a saber a alternância desavisada do foco narrativo usado pelo narrador para contar o enredo ou pelas funções, ideias e valores que este veicula ao narrar a história.

Diante da intrigante problemática, que envolve o elemento narrador, este estudo analisará tal personagem a partir dos textos de Francisco J. C. Dantas. O objetivo é compreender como é realizada a tessitura da(s) identidades(s) do narrador, e qual a relação desta persona como a crítica social eminente nos textos.

Quanto à fundamentação teórica que norteará este escrito, recorreremos aos estudos de Maria Lúcia Dal Farra (1978) e Chiappini (1997), respectivamente, sobre o narrador e o foco narrativo. Bem como o pensamento de Foucault (2002) e Bakhtin (2010) a respeito da relação entre práticas discursivas e estrutura social. Ambos compartilham a ideia que a percepção de mundo do sujeito sofre interferência do código linguístico, do contexto cultural e social no qual ele está inserido. Além disso, a teoria de Bauman (2005) sobre as questões identitárias também serão usadas nesta breve discussão sobre as identidades do narrador em Dantas.

Nas cinco obras² publicadas pelo sergipano, em todas, o papel do narrador se destaca, principalmente, por todos eles serem participantes da história, embora alguns deles privilegiem a narração dos fatos em detrimento do seu grau de envolvimento nas ações. Os enunciadores textuais de Dantas são escavadores do passado, da reflexão sobre o presente, das incertezas do futuro. E são os próprios narradores que evidenciam que “no lugar daquele indivíduo poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por alguém que tem dúvidas, que mente e se deixa enganar.” (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 114). São narradores suspeitos, confusos e ambíguos, denúncia do espaço de fronteira e de instabilidade que cerca o viver. Tal característica ratifica o pensamento bakhtiniano de que a pessoa que fala no romance é como um “homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem

² *Coivara da Memória* (1991); *Os Desvalidos* (1993); *Cartilha do Silêncio* (1997); *Sob o Peso da Sombra* (2004) e *Cabo Josino Viloso* (2005);

social” (BAKHTIN, 2010, p. 135). Logo, suas identidades estão também coadunadas ao contexto em que ele está inserido.

A voz narrante em Francisco Dantas é uma personagem à parte, que requer do leitor uma atenção minuciosa, pois apesar da predominância da focalização em 1ª pessoa, em seus textos há alternâncias constantes do ponto de vista do autor-implícito e da ótica usada pelos narradores para contar os fatos ocorridos com as mais interessantes personagens do mundo ficcional de Dantas. Assim, a dicotomia narrador extradiegético versus intradieético permeia os ângulos pelos quais o narrador conta e o leitor se inteira das ações das personagens.

Em *Coivara da Memória*, o narrador-personagem ou personagem-narrador como cita Benedito Nunes, tenta compreender os fatores que o levaram até a situação de preso domiciliar à espera de julgamento por um crime que supostamente cometera. Nesta narrativa *in ultima res*, ou seja, “o discurso narrativo se inicia com a apresentação de um acontecimento que pertence ao desfecho da diegese” (JÚNIOR, 2009, p.47), o narrador entrelaça fatos vividos no passado com os do presente e nos revela uma ótica na qual ora ele atua como sujeito ora como objeto de suas memórias. Aspecto que atesta o pensamento de Bakhtin ao afirmar que “todo enunciado tem uma relação com as condições de comunicação” (2010, p. 14). E ainda que nossas lembranças são passíveis de erro e o processo de rememoração é imperfeito.

Além disso, aponta para as limitações desse tipo de narrador. Segundo Chiappini, o narrador-personagem “narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (1997, p. 43). Daí sua dificuldade em encontrar respostas objetivas para os seus questionamentos e para entender os Outros que estiveram/estão a sua volta. Neste tipo de narração “desaparece a onisciência” (CHIAPPINI, 1997, p. 43). Outro aspecto que pode ser questionado pelo leitor é a falta de um nome que identifique este emissor do discurso, visto que, conforme Foucault (1988), saber quem e de onde se fala é relevante para a credibilidade do discurso, embora a ausência dessas informações, no texto literário, seja índice de sentido.

O personagem-narrador conta sobre o que viveu sob o impacto de um dos piores sentimentos do ser humano: a falta de liberdade, além disso, a voz narrante também está sob o efeito de uma paixão avassaladora e desconhece o paradeiro de Luciana, sobrinha de sua suposta vítima. Dessa forma, a voz narrante se encontra num momento de desconcerto, frustração, ou seja, seus relatos podem estar embaraçados pelo impacto dos acontecimentos.

Lampiããããã morreeeeu!... A frase proferida pelo fiscal da intendência em nome da maior autoridade do município de Rio-das-Paridas acorda Coriolano que em *Os Desvalidos* desempenha a mesma função do narrador de *Coivara da Memória*. E mais uma vez a ótica da voz narrante principal se entrecruza a de outros partícipes do texto. O painel de desgraças fruto do imbricamento entre tradição e desenvolvimento tardio apresentado nesta narrativa é sutilmente revelado via percepção e ideologia de Maria Melona, tio Filipe e Lampião. Tais óticas se juntam ao olhar desolado de Coriolano e marcam os distintos “horizontes sociais” das personagens, além de confirmar a parcialidade da ótica desse narrador. Essa estratégia estética reforça a relevância do dialogismo no conhecimento do todo.

Além de ser uma forma de dizer ao leitor que a parcialidade da ótica do narrador de *Os Desvalidos* está coadunada à desconfiança para com o olhar e o discurso das classes marginalizadas, visto que conforme Foucault(2006) e Bakhtin(2010) a existência e o comportamento humanos estão relacionados ao modo como o homem usa a linguagem, produz discursos. Ou seja, “o signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados” (BAKHTIN, 2010, p. 16). Logo, o leitor pode inferir a respeito da trama complexa que limita o espaço ideológico e discursivo dos subalternos e nos leva a perceber que o narrador deste romance esbarra nas incertezas da vivência dos oprimidos, ou seja, esbarra em suas próprias incertezas ao longo da narrativa.

Em *Cartilha do Silêncio*, a memória individual e coletiva do tradicional clã Barroso é narrada através do entrecruzamento de concordâncias e contradições dos narradores de primeira e terceira pessoa sobre os fatos que ocorreram. E a onisciência dos narradores se

perde no fluxo de consciência das personagens, no uso do discurso indireto livre e com a onisciência seletiva múltipla. Neste texto, que, talvez, seja a obra-prima de Dantas é marcante a aplicação do conceito de polifonia proposto por Bakhtin, do “dialogismo radical”, pois nenhuma das cinco vozes narrantes, nenhum dos pontos de vista são privilegiados, todos surgem num mesmo plano aberto e inconcluso, restando ao leitor ficar atento ao monólogo interior, ao silêncio das personagens, ao que está interdito. São narradores que exibem as armadilhas e imprevisibilidade do mundo.

Nesse romance, as vicissitudes estéticas: decadência social, familiar e pessoal, vivida por D.Senhora, Arcanja, Remígio, Cassiano e presenciada pelo agregado Mané Piaba amparam a crítica mordaz à conjuntura social de um país em processo de desenvolvimento mas com um forte ranço tradicional. Isso significa dizer que o elemento externo está coadunado ao elemento interno, visto que o discurso social transmitido está inter-relacionado ao discurso narrativo que serviu para transmiti-lo.

Justino Vieira é o personagem-narrador de *Sob o Peso das Sombras*, uma personagem que ruma sobre o descaso da vida num país injusto onde a ordem que impera é a do apadrinhamento, dos sadios, dos vis. Pensamento pessimista oriundo da constante humilhação sofrida enquanto assistente do autoritário Jileu Bicalho, chefe do departamento de Mitologia da Universidade Rural onde trabalhava como também das dores provenientes do câncer que o corrói.

Tais informações já destacam a parcialidade de seu olhar, pois sua condição de nulidade certamente influencia a sua percepção sobre as pessoas e sobre o mundo. Mais uma vez confirma-se a ausência da onisciência neste narrador. Justino Vieira vive contido numa batalha que não lhe permite avançar nem retroceder, sequer dialogar sobre suas frustrações e esse fato leva o leitor a se solidarizar com a nulidade que cerca suas identidades de profissional frustrado, negligenciado pelos filhos, abandonado pela cunhada e conformado com a doença. Identidades que não o subtrai ainda mais porque lhe restou o monólogo interior: a palavra sobre si mesmo, as explicações sobre as suas angústias. É seu discurso sobre si mesmo e sobre sua existência que revela ao leitor como ele se sente vivo, como ele enxerga o mundo.

Ao se destacar os narradores em Francisco Dantas, certamente, vem à mente do seu leitor, e merece destaque, a voz que narra em *Cabo Josino Viloso*. Uma voz que entrelaça a ótica do autor-implícito, voz que regula a voz do narrador, a “mente detentora dos poderes romanescos” (DAL FARRA, 1978 p. 23), com a do narrador testemunha, que ora se utiliza da narração objetiva ora da subjetiva, apresentando desse modo, uma narração mista dos fatos, e ainda com a ótica do protagonista Cabo Josino Viloso. Esse rico painel de vozes e óticas romanescas garante o suspense de todo o texto e revela a complexa tessitura da focalização nos textos desse escritor.

Cabo Josino Viloso fala de uma experiência social injusta e corriqueira em nosso país. O cabo que foi promovido a delegado representa o intrincado jogo das relações sociais atuais, relações marcadas pela aparência, pelos jogos de interesses. Através do Cabo Viloso, protagonista do texto, “que não rima com vilão mas com manhoso [...] poderosa água-forte, temperada no ácido caústico do sarcasmo” (NUNES, 2005), tomamos conhecimento da dura empreitada de um militar que busca a ordem social sem se rebelar contra o governo. “Um militar não se pertence. Tem de honrar a farda. Tem de compartilhar a vida com o Governo...” (DANTAS, 2005, p. 10), objetivo que se configura numa antítese em termos de Brasil. Pois, governo, polícia e sociedade não comungam dos mesmos interesses pacificamente.

A partir dessa relação complexa, o leitor conhece a veia paródica de Dantas. E ainda reconhece o acentuado caráter realista dos seus textos, pelos quais ele expõe as dificuldades de grupos marginalizados de se incorporarem às instituições que detém o poder regulamentado por lei. A tessitura do bom malandro Viloso ainda exalta o seu poder de denúncia social. A falta de condições de trabalho do militar, a precária estrutura da delegacia, o atraso no pagamento do pobre cabo delegado, a falta de até uniformes militares, símbolo de seu poder, tudo contribui para a representação de miséria e força que cerca as identidades do Cabo. Um homem que “já sofrera castigos, perseguições, que fora alvo da mais descabelada impiedade” (DANTAS, 2005, p. 41). E que agora se agarra ao novo

posto como forma de escapar de vez da condição de subalterno. É a oportunidade de ele construir uma identidade integrada aos apriori da vida social, integrada à Lei.

Mas, para se firmar nesta posição necessitará do uso das mais diversificadas artimanhas, a realidade exige o uso de subterfúgios lícitos e ilícitos. O novo militar deseja o posto, pretende se sustentar com o seu trabalho. Quanto engano! A vida dos justos é muito penosa. E após muita luta, ele se encontra, revela sua sensatez e se rende ao situacionismo. Afinal, é muito difícil ir de encontro à regra:

Cabo Viloso que, na intrincada carreira militar, tanto se estrebuchou para ganhar nome de legalista inveterado, terminou mesmo soltando o seu lado desairoso e verdadeiro que tanto se esforçara para trazer trancado. Virou um Cabo rompedor da ordem, um militar debochado (DANTAS, 2005, p. 146).

Este desfecho assinala a insistente tentativa de Dantas em conhecer e explicar as ações que acontecem com o Outro, um projeto ousado que enriquece suas narrativas. As mais variadas representações da existência humana, os mais diversos sentimentos humanos, através da representação dos ricos, pobres, homem, mulher, patrão, empregado, brancos e negros são o foco principal do seu imaginário.

E essa tentativa de compreender o Outro e mostrar a problemática existencial que cerca os mais distintos viventes se reflete no modo de enxergar o Outro do narrador de *Cabo Josino Viloso*, por mais que ele aponte sua frustração com o desenlace da trama, o narrador é cauteloso ao afirmar seu ponto de vista sobre as atitudes do Cabo. “Aquele seu desfrute, embora pareça um deboche descabido, tem lá sua explicação. Coitado de Josino Viloso. Foi uma vítima” (DANTAS, 2005, p. 148).

E neste ponto, talvez, alguns leitores também concordem com o que diz o narrador. Cabo Josino se apresenta como vítima de uma trama complexa: as relações sociais. Por isso, o leitor não consegue formar um juízo de valor negativo contra o boa-vida Viloso, o testemunho do narrador garante um significado positivo sobre a reviravolta do delegado. Além disso, todos os demais elementos estéticos se unem para argumentar a favor do militar. Tais elementos marcam o ritmo da vida, as ações, os pensamentos, as escolhas

quase sempre fruto do devaneio. Afinal, como se manter lúcido numa situação de miséria e injustiça?

Voltando a voz que narra neste texto, as duas primeiras páginas da narrativa nos apontam um narrador onisciente, tradicional que conhece tudo sobre o Cabo Josino Viloso. “Viera de uma noite perversa, mal dormida. Confuso, indeciso, vira se apagarem as estrelas e se abrirem as primeiras luzes da manhã.” (DANTAS, 2005, p. 10). No entanto, da terceira página em diante, de momento em momento, um narrador diferente ou uma outra máscara da voz narrante aparece para confirmar, testemunhar ou até mesmo alertar sobre a parcialidade da sua verdade. “Alguma idéia fabulosa, sentimento grave ou plano inconfessável, *sei lá*, bulia com a sua cabeça, sapecava-lhe o corpo [...] A bem da verdade, *eu nunca soube se*,³ naquele momento, eles aplaudiram o Cabo por sua postura empolgada, ou se pilheriavam às suas custas.” (DANTAS, 2005, p.11). Tal discurso evidencia a parcialidade de toda e qualquer ótica. Além de afirmar que “o ponto de vista conferido ao narrador não é aquele que dá forma e compleição ao universo criado: ele é um dos muitos olhos que o inauguram e dão-lhe a vida” (DAL FARRA, 1978, p. 49).

Neste ponto, voltamos aos recorrentes questionamentos acerca da escolha de um autor pela focalização de primeira ou de terceira pessoa. Em *O Narrador Ensimesmado* (1978), texto que é referencial quando se estuda as categorias narrador e foco narrativo, M^a Lúcia Dal Farra diz que a escolha por um ou outro foco narrativo parte de uma predileção do autor-implícito pela narração, pela enunciação, pelo monólogo interior, no caso do romance de focalização em 1^a pessoa. Ou pela diegese, pela trama ficcional quando se faz uso da focalização de 3^a pessoa.

Contudo, ainda há muitas reservas quando se pensa no predomínio de um tipo de focalização sobre o outro, visto que vem à tona às questões tradicionais de legitimidade poética do narrador de primeira pessoa. E neste aspecto, Dal Farra atesta a predominância e complexidade poética da focalização de primeira pessoa.

³ grifo nosso.

Para a autora, no romance de terceira pessoa a visão de mundo do narrador é unívoca, já no de primeira há plurivocidade no discurso e no ponto de vista do narrador. Nesse tipo de focalização se entrecruzam as visões *avec* (ótica híbrida e instável) ou a visão com, a *par derrière* (ótica de análise) ou a visão por trás, a *du dehors* (ótica de fora) ou visão de fora. Ou seja, a diversidade da focalização em 1ª pessoa dá-se de forma multidirecional, desconstruindo toda e qualquer forma de centralização da voz, do discurso, da ótica.

Apesar da credibilidade maior que se configura ao narrador de 1ª pessoa seja ele protagonista ou testemunha, visto que a voz que narra afirma que experimentou, sentiu, ouviu o que conta, como é exemplo Vieirinha, o narrador de *Cabo Josino Viloso*, o narrador testemunha da saga vivida pelo excêntrico delegado de Alvide quebra os limites de focalização, ele não fecha os ângulos de sua visão. Vieirinha que é Justino Vieira, o narrador já apresentado em *Sob o Peso das Sombras* (2004) - e este fato nos conduz há um entrelaçamento das vozes nos textos de Dantas em obras diferentes- constantemente alerta o leitor sobre a parcialidade de sua verdade. “Eu acompanhei a coisa de longe”. (DANTAS, 2005, p.76).

Vierinha não morou em Alvide o tempo todo, mas como filho do lugar nunca deixou de se interessar pelo que acontecia no vilarejo e com a figura mais ilustre desse lugar. Todas as vezes, que o narrador visitava a terra natal corria em busca de notícias do Cabo, seja através do amigo de infância, o menino Ordenança, que foi criado pelo Cabo, seja através do próprio militar que o recebia sempre solícito. É por conta dessa relação à admiração de Vierinha pelo militar e o prazer de contar sua história.

O Cabo era realmente um sujeito digno de admiração, um típico homem do sertão, resignado e ao mesmo tempo lutando para vencer as mais terríveis adversidades. Por isso, o narrador revela: “Após os funerais de tio Melenguê, eu morei ali durante meses. *Pude então constatar*, com os pés atolados na sujeira, que uma pobreza daquele quilate implica um sentido de indecência, melação e porcaria” (DANTAS, 2005, p. 79). Mas, o Cabo não se deixava abater pela miséria e apesar da manha, de certa antipatia pelo trabalho duro, amenizava com as suas táticas de homem do poder o descaso que o governo tinha para com aquele povo.

E a vida em Alvide teve uma melhora significativa com a chegada do delegado Cabo Josino Viloso. Porém, convém esclarecer que “sua energia sagrada, sua arma verdadeira era a simples persuasão, modos singelos de quem anda bem com a vida, não destoa da batida natural, acata as marcas de Deus. Se bem que trouxesse aquela ambição oculta que o inquietava” (DANTAS, 2005, p. 79). Isso ratifica a dificuldade de se compreender o homem, independente da distância ou proximidade que nos colocamos. Pois, por trás de cada identidade revelada há outras dissimuladas, escondidas ou refutadas (cf. BAUMAN, 2005). São essas lacunas que contribuem para a complexa relação do Eu com o Outro ao mesmo tempo em que se encontra nesta mesma complexidade a aprazível conjuntura do viver.

Desse modo, para amenizar uma empreitada tão complexa, o narrador de *Cabo Josino Viloso* faz uso das convenções narrativas (tempo, espaço, personagem, enredo, focalização) bem como adota as marcas identitárias, ideológicas do autor-implícito e da personagem. Segundo W. Booth, o autor implícito é a participação do autor no contexto narrativo, autor revelado no tipo de enredo, de estrutura, no tipo de narrador que escolhe, no tipo de discurso que suas personagens proferem. (apud CHIAPPINI, 1997, p. 12).

E neste sentido tanto Booth quanto Lubbock comungam da ideia que “o autor não desaparece mas se mascara constantemente, atrás de uma personagem ou uma voz narrativa que o representa”. (apud CHIAPPINI, 1997, p. 18). Teoria compartilhada por Foucault (2002), segundo o filósofo apesar de a categoria autor ter sofrido modificações ao longo do tempo - assim como a categoria homem, sujeito - quando se pensa em textos literários, o autor ou a função autor como ele define, torna-se relevante, conhecer o autor é importante na construção do entendimento textual.

o autor é aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (isto através da biografia do autor, da delimitação da sua perspectiva individual, da análise de sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação do seu projeto fundamental (FOUCAULT, 2002, p. 53).

Tais referências, no entanto, não devem servir como regras prioritárias de análise, visto que o texto se sobrepõe a qualquer teoria. A análise puramente baseada nos elementos externos torna-se insustentável. Contudo, o autor se faz presente no texto. O autor se constitui sujeito da enunciação textual. Devido a essas colocações, fica notória a visão de mundo pessimista e crítica de Dantas. Em seus textos quase não há saída para as personagens. Suas vidas são assoladas pela pobreza, pela injustiça e pela solidão. O autor-implícito, as personagens e os narradores se fazem intermediários da forma como o escritor enxerga o mundo, percebe as relações humanas. O que reforça a importância da participação do autor implícito que “é uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele que comanda os movimentos do NARRADOR, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem em que se narram indiretamente os fatos” (CHIAPPINI, 1997, p. 19).

Dessa forma, o entrelaçamento das palavras, pensamentos, percepções, sentimentos do narrador, da personagem protagonista, do autor-implícito condensam o jogo paródico e crítico da voz autoral desta novela. A qualidade literária das narrativas de Dantas se confirma também neste aspecto, a inexistência de uma categoria em estado puro. Todos os elementos estéticos quebram expectativas, misturam-se e contribuem para a harmonia da diegese, para o sentido do texto, para os valores e efeitos que o autor pretende transmitir.

O narrador de *Cabo Josino Viloso*, comenta, analisa e conta às contradições sociais, a transitoriedade do modo de se ver e enxergar o mundo, o Outro. Ele conta e ao mesmo tempo mostra os disfarces inerentes a todos os indivíduos, às máscaras comuns a toda e qualquer pessoa.

E para isso o riso em *Cabo Josino Viloso* é um elemento estético relevante, ele remete a fragilidade de qualquer absoluto: o ufanismo exagerado, a covardia extrema, a manha inata, o devaneio total. Na verdade, o humor demonstrado no texto se articula com o pictórico, representando todos aqueles que vivem a rir da desgraça em que vivem, é um modo de fugir da verdade, da confirmação de que viver não é mole, e que divagar pelo irreal ajuda a suportar a vida factual.

Josino Viloso funciona como representante de uma concepção de saber/poder – saber/verdade de que todos nós somos herdeiros e que marca insistentemente a identidade dos brasileiros, ou melhor, a identidade dos que detêm o poder institucional no país, uma identidade marcada pelo apadrinhamento, corrupção, bandidismo. Uma verdade que atinge impiedosamente as estruturas morais e mentais dos indivíduos. Por isso, o nosso Cabo – como amigavelmente o trata, Vieirinha, o narrador – tinha uma natureza “inclinada a trocar a realidade pelo devaneio” (DANTAS, 2005, p. 25). E certamente, o leitor dispensa uma maior atenção a essas características quando tenta compreender as ações do bom malandro. E aqui cabe uma ressalva: jamais somos oniscientes! Sempre percebemos o Outro e as coisas a partir de percepções e julgamentos pessoais, subjetivos, e portanto, parciais.

Nesta novela até o tipo de discurso escolhido pelo autor-implícito e adotado pelo narrador, o discurso indireto (voz do narrador) e o discurso direto (voz da protagonista) quebram a vontade de verdade pretendida pelo narrador testemunha, “que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil” (CHIAPPINI, 1997, p. 37). Apesar de dar mais credibilidade ao que se narra, esse tipo de focalização como observa Chiappini (1997), é mais limitado e o narrador confirma esse aspecto a todo momento enquanto narra o que presenciou e ou ouviu falar.

Além disso, o uso do discurso direto nas falas que se referem ao Cabo Viloso nos faz conhecer via ele mesmo algumas de suas identidades. Os discursos diretos atestam a sagacidade e criatividade do Cabo, na verdade reforçam sua identidade manhosa, ou seja, é a partir do discurso do próprio Cabo que o leitor toma conhecimento das verdades que regem seus pensamentos. “ “ - Adonde eu digo que ainda vou chegar a Delegado, um Delegado de peso” (DANTAS, 2005, p. 54) ou “ – E o que é grave neste país, seu Vieirinha? Me responda. Aprenda a manter a esportiva, meu chapa. Isso é caretice. Quer entrar na nossa coligação? O situacionismo é um negócio da China!”(DANTAS, 2005, p.146).

A predominância da focalização em primeira pessoa evidencia o olhar fragmentado tanto dos narradores quanto de Dantas na tentativa de apreender o real, apreensão que é fruto de experiências complexas que imbricam viés imaginário e viés factual. E neste

momento, alertamos para as intrincadas teias que envolvem elementos biográficos e ficção, “A individualização do autor compõe certa modalidade de escrita, de temática” (Cf. FOUCAULT, 2002), sujeitos e relações sociais, identidades e diversidades espaciais.

As identidades dos narradores dos textos de Francisco Dantas são “incertas e transitórias” (Cf. BAUMAN, 2005, p. 12) e construídas sob os pólos dicotômicos da opressão versus liberdade. Seja o narrador em terceira pessoa que de modo intruso se apresenta nas narrativas seja o narrador de primeira pessoa predominante nas obras, todos expõem a parcialidade de seu ponto de vista. São vozes narrativas que têm a ver com as incertezas de um mundo marcado pela falência dos valores. Identidades dos narradores da literatura atual que “sobrepõem sua voz a daqueles que não se permite ouvir” (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 129).

Os narradores em Dantas juntamente como as demais personagens formam um painel da imprevisibilidade do mundo, um mundo onde não cabem verdades definitivas nem lições de vida. Um mundo que silencia os discursos daqueles a que não se permite falar, um locus onde as identidades planam no vazio e deflagram o contexto sociocultural em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jorge. Narrador. In: CEIA, Carlos. (org.). **E-Dicionário de Termos Literários**. ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.fcs.unl.pt/edt/>. Acesso em setembro de 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHIAPPINI, Ligia. **O Foco Narrativo** (ou a polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 1997.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Um olhar (enamorado) sobre a obra de Francisco Dantas. In: **Interdisciplinar**. Itabaiana: EDNUL, Ano IV, v. 8, jan-jun de 2009.
- _____, Maria Lúcia. **O Narrador Ensimesmado** (o foco narrativo em Vergílio Ferreira). São Paulo: Ática, 1978.

DALCASTAGNÉ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. In. Revista **Diálogos Latinoamericanos**, nº 003, Universidad de Aarhus, 2001. Disponível em [www..redalyc.com](http://www.redalyc.com). Acesso em setembro de 2011.

DANTAS, Francisco J.C. **Cabo Josino Viloso**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

_____. **Cartilha do Silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Coivara da Memória**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

_____. **Os Desvalidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Sob o Peso das Sombras**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Historia da Sexualidade I. A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JUNIOR, Arnaldo Franco. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária**. Abordagens históricas e contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

NUNES, Benedito. Apresentação. In. DANTAS, Francisco J.C. **Cabo Josino Viloso**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

Recebido: 16/09/2011

Aceito: 02/10/2011